

5. Anotações inconclusivas para abrir a questão

A violência é sempre excessiva. Revela algo mais do que a palavra violência consegue enunciar. A violência não pode ser contida em nenhuma imagem, mesmo a mais terrível. A violência tem o poder de paralisar as formas de vida. Ela nos faz ficar mudos e estáticos e não se pode negar o aumento constante da violência em nossa sociedade, basta abrir os jornais para poder constatar que a cada dia que passa, mais balas passam de perdidas a encontradas, elas encontram seu lugar em corpos, que por uma infelicidade, foram obrigados a receber esse inquieto mortal. Perseguições seguidas de tiros, guerras de facções criminosas, que com o objetivo de definir territórios acabam definindo os futuros números estatísticos da mortalidade social, ameaças constantes de terrorismo, medo.

Hoje a violência se apresenta como espetáculo que choca, pois retrata-se através deste paradoxo, ou seja, diante de imagens frias e cruéis, uma carga emocional que é passada com sua dor sentida no momento da piscada do *flash* e se reflete nas testemunhas receptoras do fato. Isso faz com que acabemos por incorporar a violência em nosso comportamento humano, tornou-se uma cultura, com tudo que a compõe: hábitos, valores, atitudes, gestos, linguagens. Acabamos achando natural sem quase perceber, a carga de violência que permeia nosso cotidiano e se infiltra nos corações e mentes. Até para falar contra a violência costumamos usar palavras violentas.

Pequenas partes da sociedade já possuem formas de registrar o convívio natural com a violência, através das formas de se comunicarem. Para se ter um exemplo, basta observar as mulheres do movimento *funk*, que de seres humanos foram reduzidas a meras *cachorras*, *popozudas* ou *preparadas*. Durante alguns momentos do baile, a *guerra* entre as equipes de som é travada e para expandir ainda mais a violência, muitas “rixas” particulares são levadas a sério, causando assim mais brigas e mortes.

Para não dizer que são comportamentos exclusivos de periferia, basta refletirmos sobre as cenas de selvageria dos *pitboys* nas noites da Zona Sul carioca. Basta lembrar que em boates chiques o puxão pelos cabelos de uma jovem equivale a uma paquera, estaríamos voltando a era das cavernas? Um beijo arrancado à força, seguido de uma simples pergunta: “Já é ou Já era? tem o

significado de um carinho. Na bolsa de valores varonis, os bíceps e peitorais valem mais do que o cérebro. Não por acaso o cão *pitbull* é símbolo e modelo de comportamento: em vez de aprender com os humanos, passaram a ensinar muitos deles.

É envolto nesse clima que um PM, na Rocinha, é estimulado a carregar um corpo no carinho de mão como se fosse um entulho a ser jogado fora. É o que permite também que num outro dia, um outro corpo coberto de plástico preto fique estirado na Praia de Copacabana durante mais de três horas, sem que alguém se importe com isso. É o que sustenta a audiência de alguns programas vespertinos e outro noturno que aborda, de uma forma sensacionalista e com muita emoção, casos de vítimas de estupro, seqüestro, morte e crimes perfeitos.

Em sua coluna, publicada no jornal O GLOBO de 27 de abril de 2004, Arnaldo Jabor comenta a frieza com que encaramos os fatos, questionando o motivo pelo qual a morte ao vivo é tão fascinante. O jornalista comenta que: “Hoje em dia, as cenas de destruição de corpos têm de ser diante das câmeras. Se não há visão, não há o fato. A morte como espetáculo se transmite como um vício”. (Jabor, 2004). Isso justifica um pouco a atração pelo mórbido, além disso, a atração pela desgraça.

Cita também que o horror das duas guerras mundiais, foi mais chocantes (e também mais esquecidos) porque os meios de comunicação de massas não eram tão onipresentes.

Estamos cercados, por armamentos bélicos e por uma mídia que nos alimenta com imagens fortes e sangrentas, puro derramamento de hemoglobina, mas que consegue através de toda essa veiculação de guerra, sangue, morte e tiros, sustentar o paradoxo entre espanto e fascínio nas pobres vítimas da imagem: nós.

Como se não bastasse a enxurrada de imagens nos periódicos diários e nos telejornais, percebemos que ao longo dos últimos anos, a violência vem ganhando cada dia mais adeptos. Parece uma verdadeira arte, onde é possível moldá-la e contá-la de diferentes formas.

Essa crescente onda de violência urbana é um dos problemas mais incômodos que o mundo contemporâneo precisa enfrentar, tornando-se um dos maiores desafios para a democratização efetiva da sociedade.

Nos últimos vinte anos, no Brasil, ou melhor com o fim dos regimes militares, tanto a violência urbana quanto a democracia evoluíram no Brasil sem que uma tenha conseguido ser freio para a outra.

A democracia não modificou, como era de se esperar, alguns setores da sociedade e do Estado, a polícia e o sistema judiciário têm sido sistematicamente incapazes de garantir à população segurança pública e padrões mínimos de justiça e respeito, no entanto, a crescente criminalidade violenta não foi capaz de impedir a consolidação democrática e a legitimação do imaginário da cidadania e direitos que lhe são inerentes.

Desse tempo até hoje, um imaginário de cidadania e direitos consolidou-se na sociedade brasileira e passou a ser uma linguagem comum aos mais distintos grupos sociais e espaços de sociabilidade. Brasileiros aprenderam a invocar seus direitos tanto nas filas de bancos como nos serviços públicos, nos tribunais etc. Diante de todo esse “avanço”, a justiça ainda é vista pela maioria dos cidadãos como ineficiente, algo assegurado a poucos e negado a muitos.

Determinados crimes passam a atingir a classe média, passam também a ocupar maior espaço nos jornais e no debate público, pressionando o governo a formular políticas mais severas para repressão e diminuição da criminalidade. Parece que justiça é uma coisa acionada quando uma classe é afetada, algo parecido com as identidades individuais que, de acordo com a situação, também é acionada.

O crime cresceu e mudou de qualidade, de cara e de tipos. Hoje temos tantos tipos de crimes que ninguém percebe o aumento que essa “nova modalidade” de viver apresentou nos últimos anos.

É notório que a cada dia fica mais flagrante a ousadia dos bandidos, principalmente quanto ao resgate de presos, os seqüestros relâmpagos, e pior, a existência de áreas onde prevalecem as regras ditadas por traficantes de drogas, como quistos isentos de leis estatais. A parte visível disso tudo é a impunidade e o sentimento coletivo de insegurança, de que os crimes cresceram e se tornaram ainda mais violentos.

Vivemos cercados por altos muros e com medo da violência que a cada dia parece ganhar corpo e é sustentada e alimentada pela mídia, ganha “ares” de destaque. Isso sem contar com a presença de tal tema nos livros e nas telas de cinema.

O século XXI, dizem os especialistas, é o século da transformação, porém o que mais amedronta é a que tipo de transformação eles evidenciam, pois, a olhos nus, o único que muda é o fato de que agora somos todos reféns da violência, reféns da crueldade, entretanto de uma forma, ainda tímida, algumas ONG's tentam despertar uma "cultura da paz", através de uma tentativa de reconhecimento das mais simples regras de sociabilidade, tentando identificar as possíveis causas dessas revoltas despertadas nos seres-humanos e contribuindo com alguns programas sociais para a amenização das revoltas interiorizadas que ao explodirem originam a violência da forma que vivenciamos. Saber lidar com as revoltas internas é o início de uma fase de transformação do ser e conseqüentemente do espaço social em que vive.